



**Fazer a festa, benzer a capela, fundar o lugar:
casa, patronagem e conjuros na estória de amor de Manuelzão**

André Dumans Guedes¹
Stefany Ciolfi de Souza²

Resumo

“Ia haver a festa. Naquele lugar - nem fazenda, só um reposito, um currais-de-gado, pobre e novo...”. Através das palavras e temas que nos são oferecidos pela novela “Uma Estória de Amor”, de Guimarães Rosa, iremos aqui apresentar certos problemas etnográficos que surgiram de nossas pesquisas realizadas em Itaboraí (RJ) e Minaçu (GO). Nosso foco reside nas correlações entre festa e casa nas circunstâncias agenciadas por esses “lugares” que, ainda “pobres e novos”, são “só um reposito”; são ranchos, albergues ou pontos de passagem, locais de pausa, pouso ou repouso cujo caráter provisório coexiste com as ambições que buscam torná-los mais estáveis e duráveis e menos descontrolados. Interessa-nos em especial examinar como os movimentos e gestos que demarcam, singularizam e buscam fundar esses lugares (em banquetes ou benzeções, e.g.) recorrem invariavelmente a forças e materiais emanados de regiões e exteriores estúrdios e inóspitos, simultaneamente familiares e ameaçadores das ordens domésticas (as estórias e dádivas trazidas por hóspedes, mendigos ou homens-bicho, e.g.). Deslocando nossa atenção para os trabalhos pelos quais um homem celibatário (e não uma mãe ou uma família) busca, assim e aí, fundar um lugar, procuramos também um ângulo para tratar de certas proximidades “incômodas” (do ponto de vista dos pesquisadores): as práticas de nossos interlocutores se apropriando de autoritarismos “milicianos”, diligências “empreendedoras” e truculências “neoextrativistas”.

Palavras-chave: Casa, Hospitalidade, Formas Provisórias de Existência, Jagunçagem.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFF)

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFF)

Introdução

Ia haver uma festa. Naquele lugar - nem fazenda, só um reposito, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo (Rosa 1984: 145³).

Nas últimas duas décadas, não são poucos os trabalhos que vem assinalando aproximações entre a obra de Guimarães Rosa e temas de grande popularidade e interesse na antropologia contemporânea. Pensemos, por exemplo, na leitura que Viveiros de Castro (2015) fez de “O Recado do Morro”, a propósito de conversas entre humanos e não-humanos, como prefácio a *A Queda do Céu*, obra de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Ou a leitura que Rattes (2009), seguindo e prolongando a picada mapeada pelo mesmo Viveiros de Castro acima mencionado, faz da transformação de um homem em onça em “Meu Tio o Iauaretê”. Em grande medida, esse interesse recente se justifica pelo que a obra de Rosa propicia para a discussão de temas com grande *appeal* na disciplina nos dias de hoje - seja no que diz respeito a essas artes e técnicas de ouvir “recados” emanando de seres naturais, ou aos devires correlacionando espécies distintas.

Nesse artigo - à primeira vista - nossa leitura vai numa direção diferente. A interpretação que propomos, nessa aproximação inicial, é antes “sociológica” do que “antropológica” (se com esse último termo designamos aquelas preocupações e enfoques acima esboçados, e característicos de tendências significativas dessa disciplina na contemporaneidade)⁴.

³ Nessa seção e doravante, as passagens em itálico referem-se a citações do livro, seguidas da página em que se encontram.

⁴ Adiantamos desde já ao leitor que a oposição entre essas perspectivas “sociológicas” e “antropológicas” foi montada e elaborada aqui de forma deliberada, e funcionará para a apresentação de problemas descritivos e etnográficos que serão melhor apresentados adiante. Se esse (jovem e apaixonado) leitor se sentir incomodado diante do que pode lhe parecer uma heresia - evocar “sociologismos”, em plena REACT! - recomendamos que ele considere a oposição entre o sociológico e o antropológico como uma releitura de uma oposição que, sabemos, lhe será mais facilmente digestível: aquela que Deleuze e Guattari (1997) estabelecem entre a “macro” e a “micropolítica”.

Pensar as casas processualmente

Através das palavras e temas que nos são oferecidos pela novela “Uma Estória de Amor”, de Guimarães Rosa, iremos aqui apresentar certos problemas etnográficos que surgiram de nossas pesquisas realizadas em Itaboraí (RJ) e Minaçu (GO)⁵.

Tais reflexões têm sua origem e se ancoram num solo etnográfico mais do que concreto: alguns “problemas domésticos”⁶ enfrentados por nossos interlocutores (e, sobretudo, pelas nossas interlocutoras). Estruturando nossos argumentos a partir desses dramas e questões que estão no centro das preocupações das pessoas que estamos trabalhando, queremos não apenas descrever a singularidade dessas vidas (“the hold which life has for the people so studied” e “the way in which *this* life has come to have to *this* hold”, diria Peter Gow [2001:1] numa referência ao que lhe parece haver de melhor na fenomenologia de Malinowski); mas encarar tais problemas como dignos e interessantes enquanto reflexões intelectuais, e enquanto as reflexões intelectuais que melhor podem guiar as nossas próprias reflexões intelectuais sobre esses mundos e vidas.

Tanto no Rio de Janeiro quanto em Goiás, estamos preocupados com “casas”, ou melhor: com as “condições sociais de sua produção” (se quisermos recorrer a um enquadramento “sociológico”) ou com os modos como analiticamente promovemos a “dessubstancialização” dessas casas (se preferimos um enquadramento “antropológico”).

Nessa chave, interessa-nos trazer para o primeiro plano os *processos*. Numa coletânea que se constitui com uma das principais referências para o estudo antropológico das casas, Carsten e Hugh-Jones (1995: 23) afirmaram que, na análise da organização social e do parentesco, “noções de processo, ciclo e desenvolvimento [são] lugar comum na análise dos grupos domésticos”. O mesmo, porém, não poderia ser dito a respeito das casas, que “em contraste com as pessoas envolvidas (...) constantemente são apresentadas como relativamente fixas e permanentes”. Quase três décadas depois desse comentário, algo parece ter se transformado nesse cenário (muito provavelmente também pelos esforços desses autores). Nos dias de hoje, podemos mesmo dizer que, quando

⁵ Investigações financiadas pelo PIBIC-UFF e por bolsa de mestrado CNPq/Capes concedidas a Stefany de Souza Fiolfi. A pesquisa mais ampla foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via o projeto *Formas de Governo, Mobilidades, Casas e a Relação Rural-Urbano na Investigação dos Efeitos Sociais e Territoriais Produzidos pelo Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ)*, Chamada MCTIC/CNPq No. 28/2018.

⁶ Luis Antônio Machado, Marcela Carvalho de Araújo, Eugênia Motta, Ana Raquel Rosa do Couto.

comparadas com abordagens estruturais ou estruturalistas (Bourdieu 1972), são hegemônicas as perspectivas que consideram a casa nos seus aspectos processuais ou formativos. Ilustrativo disso são as formulações relativamente concordantes de antropólogos e sociólogos célebres que, eles também e a despeito de suas divergências, concederam alguma atenção a esse ponto nos últimos anos. Ingold (2011: 212; tradução minha) argumenta, por exemplo, que “uma casa real é sempre um trabalho em andamento”. Para ele, uma casa não pode ser tomada como “um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (Ingold 2012: 26). Na mesma direção, Latour e Yaneva (2008: 80; tradução minha) sugerem que “uma edificação” deve ser pensada “como um movimento, como uma série de fugas ou transformações”. Já Miller (2001: 8; tradução minha) defende abordagens que “desconfiam de quaisquer formulações onde a casa é caracterizada como estável ou imutável”, esta última devendo então ser pensada “mais como um processo dinâmico do que como um cenário ou pano de fundo estático”.

Várias são as possibilidades etnográficas abertas aí. Em Guedes (2017), artigo de um dos autores desse texto, seguindo uma trilha clássica dos estudos urbanos, o autor realizava a análise da passagem de um “barraco” para a “casa”. As análises de Cavalcanti (2007: 77) são ilustrativas do quão rentável permanecem o investimento analítico nessa transição, a casa aí de fato aparecendo como um fato social maussiano, onde tudo - tudo aquilo que nos interessa enquanto etnógrafos, e algo mais - “se mistura”. A descrição etnográfica desse artigo focava nos planos e esforços de uma senhora de meia-idade, moradora da cidade goiana de Minaçu, para realizar seu sonho de ter sua própria casa.

Retornando a Minaçu seis anos após minha última estadia aí, percebo que minha amiga Aparecida não ficou imune ao recente boom na construção civil desta cidade, e que também no seu lote há uma série de novidades. O antigo *barraco* de madeira onde ela vivia cedeu lugar a uma casa de alvenaria, que Aparecida faz questão de me mostrar com orgulho. O banheiro agora está dentro de casa, e há cerâmica no seu piso e no da cozinha; além disso, a área de serviço já está pronta. É claro, me alerta ela, ainda há muito por fazer, a

casa ainda não foi murada nem pintada, e ela tem planos para mais isso ou aquilo...

Mas nessa minha volta à casa de Aparecida, fica de pronto evidente que as mudanças em questão não se esgotam nestas dimensões materiais. Um pouco constrangida, Aparecida me explica que agora não é mais uma “mulher solteira” – e que, por isso, não pode mais andar sozinha comigo pelas ruas o dia inteiro, como fazíamos no passado. Agora ela está vivendo junto com Josinaldo, um antigo namorado que a ajudou na reforma da casa – investindo recursos próprios e contraindo empréstimos para a compra de material de construção. Tudo isso contribuiu para que aquela intimidade e liberdade de que eu usufruía na casa de Aparecida, um dos lócus privilegiados do meu trabalho de campo, chegassem ao fim. Na nova morada, conversávamos eu, ela e seu marido na sala. Eu voltara, portanto, a ser tratado como o fora na época em que a conheci, com toda a formalidade usualmente concedida aos que são considerados “visitas”. (Guedes 2017)

Nessa mesma cidade, esse mesmo autor realizou outra descrição (Guedes 2022) das agências de uma casa, tomando como ponto de partida os dramas e habilidades de outra senhora de meia-idade (e que é vizinha da Aparecida mencionada no artigo anterior). Também nesse caso estava dada a preocupação de pensar a casa problematizando as formulações que a conceituavam como algo dado, imóvel ou já-acabado. Neste artigo específico, tal objetivo foi levado adiante pela consideração de que uma casa se define pelas relações estabelecidas, a distâncias variáveis, entre ela e outros espaços⁷; estes últimos não são exatamente casas, ou não o são tanto quanto a primeira o é; mas neles também é possível “morar”.

⁷ Servimo-nos aqui do conceito de “configuração de casas”, forjado pelo antropólogo Louis Marcelin (1999). Tal noção busca dar conta “de processos *relacionais* entre agentes familiares originários de várias casas, [através de um] processo contínuo de criação e recriação de laços de cooperação e de troca entre entidades autônomas”. A casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada, voltada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção — no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma configuração (Marcelin, 1999, p. 36).

São também esses “outros espaços” o que nos interessa aqui, nessa leitura da novela de Guimarães Rosa. Nosso foco reside nas correlações entre festa e casa nas circunstâncias agenciadas por esses *lugares* que, ainda *pobres e novos*, são *só um reposto*⁸. Os *lugares* de que tratamos aqui são ranchos⁹, albergues ou pontos de passagem, locais de pausa, pouso ou repouso cujo caráter provisório coexiste com certas ambições que buscam, em determinadas circunstâncias, fazer deles outras coisas - torná-los mais estáveis e duráveis e familiares. É exatamente esse o sentido das iniciativas de Manuelzão, o protagonista da novela, que *queria uma festa forte, a primeira missa. Agora, por dizer, certo modo, aquele lugar da Samarra se fundava [146]*.

Não é trivial, além disso, que nesta novela o protagonista seja um homem. Dada a centralidade de figuras femininas nas pesquisas que realizamos em Minaçu e Itaboraí, é sobretudo o interesse na comparação que nos leva, agora, a privilegiar algum do sexo masculino envolvido com “problemas domésticos” ou com a estabilização ou *fundação* de um lugar. Manuelzão, sem mulher e familiares próximos, e na meia idade, almeja ele também - tal como nossas interlocutoras em Minaçu e Itaboraí - construir uma casa, um lar.

A festa, a proeza, a casa no sertão

Ia haver uma festa. Naquele lugar - nem fazenda, só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo (Rosa 1984: 145).

Nas linhas iniciais da novela “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, de Guimarães Rosa, encontramos já dispostos todos os elementos do nosso problema. Os cheiros e ruídos atestam que a ocupação sistemática da área de que tratamos é relativamente recente. Ela se dá, sugestiva e emblematicamente, via o gado: estamos naqueles lugares e espaços que um sociólogo rural (Souza Martins 1996) poderia nomear como uma “área de colonização recente” ou como uma “zona de fronteira”. Não

⁸ Um reposto, nos ensina o dicionário, é um “lugar de pouso, recarga, descanso”.

⁹ Palmeira (2009, p. 206) nos lembra que um “rancho” é um local que não é de “boa qualidade, é precário; não é coisa definitiva”.

surpreende, assim, que a festa e todos os movimentos e movimentações que ela suscita estejam vinculados à celebração e constituição - a *sagração* (148) - da casa. A casa, essa entidade que, por aquelas bandas, não se constitui e não se consolida da mesma maneira que ocorre em “regiões de ocupação antiga” (Souza Martins 1996: 25), ou em regiões de ocupação “mais” antigas.

A consideração das gradações é fundamental nesse caso, justamente porque não se trata de recuperar a oposição “sociológica” ou “molar” (Deleuze e Guattari 1991) entre dois tipos de áreas ou processos, mas de servirmo-nos dessa última como ponto de partida para tratarmos, etnograficamente, de reflexões e comparações *nativas* a respeito das diferenças existentes nessas formas de criação, consolidação e estabilização das suas casas e territórios. É preciso assim “dessubstancializar” (Guedes 2022) o *sertão*, de modo a “molecularizar” a noção; privilegiando, por exemplo, suas manifestações adjetivas e adverbiais em detrimento das substantivas, de modo a encontrarmos a agilidade e flexibilidade necessários à descrição ou tradução etnográfica. Obviamente, são os próprios procedimentos de Guimarães Rosa que nos inspiram aqui.

Desde o começo Manuelzão conheceu que, para fundar lugar, lhe faltava o necessário de alguma espécie. Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos. Pensou. Seus homens, mais ou menos velhos conhecidos, com eles vindos do Maquiné, para apego de companhia não bastavam? Ele calculou que não. E resolveu um recurso. A mãe, idosa, e que nunca aceitara de sair do lugarejo do Mim, na Mata do Andrés, no Pium-í, no Alto Oeste, não era pessoa para vir aguentar as ruindades dum princípio tão sertanejo assim. (152)

O prestígio, a magnificência, a excitação e os perigos associados a essa festa justificam-se também por tratarmos desse *princípio tão sertanejo assim*; e do que ele requer em termos de ousadia e diligência, para correr os riscos associados a essa proeza: erguer ali n’*aquele ermo* (150), n’*A Terra do Boi Solto* (151), *a Casa* (145). *O que aquilo não lhes tirara, de coragens de suor!* (151).

É essa relativa raridade da casa o que a historiadora Laura de Mello e Souza (2000, p. 42) descrevia ao forjar a ideia de “forma provisória de existência”, termo que designa todo esse conjunto de lugares e situações diferentes das casas onde as pessoas “moram”, ainda que temporariamente. Tal noção fundamenta-se na ideia de que, nos “caminhos, nas fortificações e nas fronteiras” deste “mundo sempre em movimento” que é o interior

do Brasil colonial examinado pela autora, a casa está longe de ser o modo de habitação único, sendo sequer o mais comum. Após tantos anos *produzindo retiros provisórios, onde por pouquinho prazo se demorava [151]* agora Manoelzão pretende *firmar um estabelecimento maior [151]*

Manuelzão homem de meia-idade querendo virar senhor

Manuelzão é um homem de meia idade que, após tantas andanças, quer algum *sossego*.

Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguira um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa (149) (...) Pois ele sempre até ali usara um viver sem pique nem pouso - fazendo outros sertões, comboiando boiadas, produzindo retiros provisórios, onde por pouquinho prazo se demorava - sabendo as poeiras do mundo, como se navega. Mas, na Samarra, ia mas era firmar um estabelecimento maior. (151)

Retomamos aqui a esse tema propriamente mítico, recorrente em vivências e narrativas “sertanejas” feito a que considerados aqui como em certas tradições e diálogos literários que privilegiaram como cenário regiões feito esse norte de Minas Gerais onde se desenrola a trama de Manuelzão: os momentos e agenciamentos em que, passados certos fervores juvenis, coloca-se o desejo de algum *sossego* (Comerford et al 2022) para esse homem que já há bastante tempo está andando, ou na estrada, ou no *mundo*, ou no *trecho*.

Mas desde o começo Manuelzão conheceu que, para fundar lugar, lhe faltava o necessário de alguma espécie. Sentiu-o, vagarosamente. Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos.

Lugar escolhido, constrói-se a casa, o cemitério, a capela

Aqui era umas araraquaras. A Terra do Boi Solto. Chegaram, em mês de maio, acharam, na barriga serrã, o sítio apropriado, e assentaram a sede. O que aquilo não lhes tirara, de coragens de suor! Os currais, primeiro; e a Casa. Ao passo que faziam, sempre cada um deles recordava o modo de feitiço de alguma jeitosa fazenda, de sua terra ou de suas melhores estradas, e o queria remedar, com o pobre capricho que o trabalho muito duro dá desejo de se conceber. 152

Manuelzão trouxe a *senhora sua Mãe, Dona Quilina, falecida* [151], para ser enterrada ali.

No tempo de adoecer, ela mencionara a mesa-de-campo como o ponto ideado para se erigir uma capelinha, a sobre. Ela estava a se pensar? Lá mesmo Manuelzão a enterrou, confechando quase à borda da chã um cemiteriozinho, razoável (...) Ao lado, ergueu a capelinha. Enquanto pôde uma folga, na lida. O principal da ideia da capelinha então tinha sido de sua mãe. Mas ele cumprira. E ele inventara a festa, depois. (151)

Ninguém ainda não sabia se aquela imagem tinha destino de ser Santa milagrosa, nem se o lugar da capelinha dava para prestígios. 171

Povoando a casa, criando uma “família de tardezinha”, agregando agregados

Manuelzão traz então um filho seu - que se lembrou que tinha - para morar ali.

Mas desde o começo Manuelzão conheceu que, para fundar lugar, lhe faltava o necessário de alguma espécie. Sentiu-o, vagarosamente. Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos. Pensou. Seus homens, mais ou menos velhos conhecidos, com eles vindos do Maquiné, para apego de companhia não bastavam? Ele calculou que não. E resolveu um recurso. A mãe, idosa, e que nunca aceitara de sair do lugarejo do Mim, na Mata do Andrés, no Pium-í, no Alto Oeste, não era pessoa para vir aguentar as ruindades dum princípio tão sertanejo assim. Mas Manuelzão se lembrou de um filho, que também tinha. (152)

*Por que o trouxera? Talvez na ocasião tivesse imaginado que a Samarra ia ser seu esteio de pouso, termo de destino. E ele mesmo, nas entradas, se louvou de ter conseguido **reunir** para si aquela família de tardezinha. Estivesse, naquela hora, denunciando cabeceira de velhice? (153)*

O filho de Manuelzão, Adelço, vem junto com a esposa.

Mas a mulher do Adelço, Leonísia, era boa, uma sinhá de exata, só senhora. Aquela tinha sinal de um sabido anjo-da-guarda - pelo convívio que ela encorajava, gerência de companhia. Ela e seu irmão dela, de uns dezoito anos, vindo também, o Promitivo. Só que esse Promitivo era declarado em vagabundo. (...) Ela ficara sendo a dona-da-casa. Da Casa - de verdade, que ali formava seu conchego firme sertanejo (154)

Mas uma casa também acolhe e ajuda outras pessoas, feito Camilo, *uma espécie doméstica de mendigo, recolhido, inválido, que ali viera ter e fora adotado por bem-fazer, surgido do mundo do Norte (158)*. A Samarra ia virando uma fazenda, e toda

fazenda abrigava um coitado desses, raramente mais de um. Porquanto eles entre si geravam ódio, atreitos à tonta ciumeira (158).

O homem-bicho que se aproxima só na festa (esse não é excessivamente selvagem pra ser até um mendigo doméstico). *Mesmo tinha viajado de vir ali, estúrdio, um homem-bicho, para vislumbrar a festa. O João Urúgem, que nunca ninguém enxergava no normal, que não morava em vereda, nem no baixio, nem em chapada, mas via **solitário**, no pé-de-serra. Desde não se sabia mais, desde moço, quando o acusaram de um furto, que depois se veio a expor que ele não executara - tinha ido viver sozinho no pé-de-serra, onde o urubu faz casa nas grotas e as corujas escolhem sombra, onde há monte de mato (...) (161) Diziam que ele não saía daquele lugar no pé-de-serra, porque lá tinha achado uma mina de ouro, não queria que ninguém tomasse (162).*

Orgulhos e vaidades de Manoelzão querendo se mostrar senhor, patrão

Manoelzão vira seu rosto na direção dos estratos, embevecido em sua vontade de ser patrão e gozo que usufrui na companhia de homens cultos e poderosos.

Ativo e quieto, Manoelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação (149).

E na Samarra todos enchiam a boca com seu nome: de Manoelzão. Sabiam dele. Sabiam da senhora sua Mãe, dona Quilina, falecida. Sua mãe, que, meses antes, velhinha, viera para aquele ermo, visitando-o. Pudera ir buscá-la, enfim, era a primeira ocasião em que se via sediado em algum lugar, fazendo de meio-dono. E ela pensara até que ele fosse dono todo. A mãe apreciara aquilo, o Baixio da Samarra, a Vereda da Samarra, o território. (151)

É também porque está se *fazendo de meio-dono*, e não é *dono todo* (151), que Manoelzão nos interessa aqui. Ao longo de toda a novela, ele não nos deixará esquecer da posição hierárquica em que se encontra¹⁰.

¹⁰ O que torna sugestiva a sua comparação com esse seu “filho”, o caminhoneiro Jorge analisado em Guedes (2013): “Jorge, afinal de contas, deixa claro que é uma espécie de encarregado ou gerente que não tem escrúpulos em relatar as frequentemente violentas artimanhas de que lançou mão para controlar seus subordinados, estes sim trabalhadores desqualificados e braçais, gente sem profissão. Situado “entre” o patrão e o peão, dependendo das circunstâncias Jorge oscila ora numa direção, ora noutra. Justamente em função dessa posição ambígua, ele demora a se dar conta de alguns dos sentidos do seu laço com seu patrão, e do que ele compartilha com os peões”.

- Pois é só se chegar, patrício amigo, vosmecê com seus rapazes. Fico muito satisfeito... A festa é da Santa... Aqui tem bebidas doces e bebidas bravas...". Ah, todo o mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão, falariam depois com respeito. Daí por mais em diante, nas viagens, pra lá do mais pra lá, passaria numa fazenda, com seus homens, e era a fazenda de um tal, ou filho dum tal, na quebrada dum morro, e o dono saindo na boca da estrada, para convidar: - "Viva, entra, chega p'ra dentro, Manuelzão! Semos amigos velhos. Eu estive lá na sua Festa...". Dinheiro era para se gastar. Sua mãe, saudosa velhinha, a melhor das de lá no Céu, havia de estar gostando, de muito aprovar. Era a festa dela. Aquele dia, ela estava juntinha com Nossa Senhora (165-166).

O perigo das histórias: Manuelzão tenta bloquear certo devires

Preocupado em afirmar-se como chefe, senhor ou patrão, Manuelzão mantém relativamente afastados os devires animais e os recados da natureza - conforme Rattes (2009), Viveiros de Castro e cia. e as leituras "hegemônicas" que os antropólogos tem feito de Guimarães Rosa. Tem Manuelzão também uma face voltada para o plano de consistência, ainda que tímida? É isso o que se insinua no seu incômodo diante dos tambores que o tentam, ou desses homens-bicho e mendigos que lhe trazem estórias e tentações do *mundo* para dentro de casa?

Mas se festa aparece também como o lugar de se contar e ouvir estórias...

Manuelzão, como os dois campeiros escutava, não conseguia ser mais forte do que aquelas novidades. - "Estória!"- ele disse, então. Pois, minhamente: o mundo era grande. Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens.

Muito maior do que quando a gente mesmo viajava, serra-abaiixo-serra-acima, quando a maior parte do que acontecia era cansativo e dos tristonhos, tudo trabalho empastoso, a gente era sofrendo e tendo de aturar, que nem um boi, daqueles tangidos no acerto escravo de todos, sem soberania de sossego. (167)

O perigo das estórias se manifestando em como elas funcionam aqui como um contraponto à casa e os valores e imagens que encarnam. As estórias contadas aí em momentos (festas) e lugares (as cozinhas) liminares, à lá Victor Turner. Momentos e lugares liminares, aqueles onde a casa "recebe" o que é trazido de fora, do *mundo*: pelos

vaqueiros, pelos convidados, por essas figuras elas também liminares (homens-bicho, mendigos, a que se insinua ter sido prostituta)

Esse é um tema recorrente na obra do Guimarães Rosa e nas etnografias das casas nos sertões: os cuidados necessários para você trazer para dentro de casa essas coisas perigosas vindas do *mundo*.

Diante dos encantos e enredos dessas histórias que seduzem e desencaminham, a importância de todo aquele “trabalho físico e ritual pelo qual as pessoas transformam os poderes externos em formas que podem ser benéficas para a vida cotidiana” (McCallum 2013)¹¹.

aquelas histórias - o vago de palavras, o sabido de não existido, invenções (178)

A contadora de histórias *desperdida*: Joana Xaviel

... histórias perigosas porque chegam até a casa pela boca de gente “pouco doméstica” - *desperdida* - como Joana Xaviel

Manuelzão aceitava de escutar as histórias, não desgostava. De certo que não vinha nunca para a cozinha, fazer roda com os outros; ele não gastava lazer com bobagens. Mas, se ouvindo assim, de graça, estimava. As histórias reluziam às vezes um simples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem saudades, até. A mãe de Manuelzão também apreciava. Só pelo desejo dela, foi que se deixou a Joana Xaviel vir, de tempos em tempos, contar. Joana Xaviel não era querida nas casas. Mesmo porque vivia de esmolas, deduziam dizer que era mexeriqueira, e que, o que podia, furtava. 182

Joana Xaviel sabia mil histórias. Seduzia - a mãe de Manuelzão achou que ela tivesse a boca abençoada. Mel, mas mel de marimbondo. Essa se fingia em todo passo, muito mentia, tramava, adulava. (180)

(...) - as histórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher. Essa, que morava desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada - o nome dela era a Joana Xaviel (176)

¹¹ Para nossas etnografias das casas, analogias mais do que sugestivas aí: os modos como o dinheiro sujo vindo do mundo entra em casa (Motta 2023, seguindo a trilha aberta - ou reaberta - por Parry e Bloch [1989]), ou como se dá a limpeza e preparo dos ingredientes vindos sabe-se lá de onde para o preparo de qualquer comida (Carsten 1989, em Parry e Bloch [1989]).

Sus, sus, no vão entre duas estórias, Joana Xaviel se arapuava (176)

Se furtivava o sono, e no lugar dele manavam as negaças de voz daquela mulher Joana Xaviel, o urdume¹² das estórias. As estórias - tinham amargem e docice. A gente escutava, se esquecia de coisas que não sabia. (179)

Patronagens, jaguncismos, empreendedorismos

(...)

180-181: a estória da Destemida e do Homem Rico

(John Comerford, as ambições...¹³)

Imaginários e histórias europeias-medievais, esses reis e rainhas vindos de Portugal: e as patronagens e desejos por padrões e senhores; e as moralidades econômicas dessas estórias com gente rica, farturas, milionários e mendigos estruturalisticamente relacionados - "... Diz que era um Rei, tinha uma filha por casar...". O senhor do Vilamão, miúdo mansinho de tão caduco, o pai dele tinha sido o maior de todos os fazendeiros, no rumo de Paracatu. Um faraó de homem, dono de quinhentos escravos, fazenda de toda gala. Ainda ele mesmo, o senhor do Vilamão, persistia rico no que herdou, também com fazendão, quantidade de vaqueiros, enxadeiros, malados e meeiros, e assistia numa casa enorme, com capela por dentro - mas espaçosa, possuindo nobre altar, com douração, com os ornatos todos (...) 183

E ele, Manuelzão, não pelejava no caminho de poder ficar rico, também, um dia? Deus emprestasse a ele de chegar aos cem anos, com resistida saúde, e ele completava comprando para si até a fazenda com pompa do senhor do Vilamão, que a todas desafiava. Para teimar e trabalhar, se crescia, numa coragem de morder os ferros. Ah, tanto dava barra no impossível. Supunha a morte? Carecia de um filho, prossequinte. Um que levasse tudo levantado, sem deixar o mato rebrotar.

[ADELÇO O FILHO SEM AMBIÇÃO]

Não o Adelço - ele sabia que o Adelço não tinha esse valor. Doiá, de se conhecer: que tinha um filho, e não tinha. Mas esse Adelço saíra triste ao avô, ao pai dele Manuelzão, que lavrava rude mas só de olhos no chão, debaixo do mando de outros, relambendo sempre seu pedacinho de pobreza, privo de réstia de ambição de vontade 184

¹² O urdume, o urdimento, a urdidura (do tecido) - versus, ou em contraposição à trama (do tecido).

¹³ Desejos por luxos e riquezas e faustos e paroxismos - e (e/ou?) desejo por autonomia (à lá Benoit e as oikonomias?).

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. 1972. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique. Précédé de Trois Études d'Ethnologie Kabyle*. Paris: Librairie Droz.

CARSTEN, Janet. "Cooking Money; Gender and the Symbolic Transformation of Means of Exchange in a Malay Fishing Community", in: M. Bloch and J. Parry (eds), *Money and the Morality of Exchange*, 1989.

CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. 1995 *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.

CAVALCANTI, Mariana. 2007. *Of shacks, houses and fortresses. An ethnography of favela consolidation in Rio de Janeiro*. PhD Dissertation, Chicago University.

CAVALCANTI, Mariana. 2009. "Do barraco à casa. Tempo, espaço e valores em uma favela consolidada". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(69): 69-80.

COMERFORD, John, AYOUR, Dibe e LACERDA, Renata. "Terras de fartura, terras de ambição: políticas e étnicas nas lutas do campo". NEXO Políticas Públicas, <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2022/Terras-de-fartura-terras-de-ambi%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADticas-e-%C3%A9ticas-nas-lutas-no-campo>

COMERFORD, John. "Produzindo moralidades: dilemas, polêmicas e narrativas em 'terras do agronegócio'. FAPERJ: *Pensando Bem: Estudos de Sociologia e Antropologia da Moral*, org. Alexandre Werneck e Luís Roberto Cardoso de Oliveira, 2109.

INGOLD, Tim. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". *Horizontes Antropológicos*, 18(37): 24-44.

LATOUR, Bruno; YANEVA, Alben. 2008. "Give me a Gun and I will Make All Buildings Move : An ANT's View of Architecture". In: R. Geiser (org.), *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*. Basel: Birkhäuser, pp. 80-89.

MARCELIN, Louis Herns. 1999. "A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano". *Mana*, 5(2): 31-60.

MARTINS, José de Souza. "A Vida Privada nas Áreas de Expansão da Sociedade Brasileira" In: F. Novaes, Fernando (org.), *História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da Intimidade Contemporânea. Volume 4*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 660-726.

MCCALLUM, Cecilia. "Intimidade com estranhos: uma perspectiva Kaxinawá sobre confiança e a construção de pessoas na Amazônia". *Mana* 19 (1) • Abr 2013.

MILLER, Daniel (org). 2001. *Home Possessions. Material Culture behind Closed Doors*. Oxford and New York: Berg.

MOTTA, Eugênia. “O dinheiro da casa”. Horizontes Antropológicos, UFRGS, 2023.

RATTES, Kleyton. *O Mel que Outros Faveiam: Guimarães Rosa e Antropologia*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.